



**UFSM**

**Artigo Monográfico de Especialização**

**LIBRAS COMO INSTRUMENTO DE INCLUSÃO**

---

**Maria Glaci Pereira da Silva**

**ENCRUZILHADA DO SUL, RS, Brasil**

**2010**

# **LIBRAS COMO INSTRUMENTO DE INCLUSÃO**

---

**por**

**Maria Glaci Pereira da Silva**

Artigo apresentado no Curso de Especialização em Educação Especial – Déficit Cognitivo e Educação de Surdos, do Centro de Educação da Universidade Federal de Santa Maria como requisito parcial para obtenção do grau de **Especialista em Educação Especial.**

**ENCRUZILHADA DO SUL, RS, Brasil  
2010**

**Universidade Federal de Santa Maria**  
**Centro de Educação**  
**Especialização em Educação Especial - Déficit Cognitivo e**  
**Educação de Surdos**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova o Artigo Monográfico de  
Especialização

**LIBRAS COMO INSTRUMENTO DE INCLUSÃO**

elaborado por  
**Maria Glaci Pereira da Silva**

como requisito parcial para obtenção do grau de

***Especialista em Educação Especial: Déficit Cognitivo e Educação de***  
***Surdos***

**COMISSÃO EXAMINADORA:**

---

**Profª Ms Edna Márcia de Souza**  
(Presidente/Orientador)

---

**Profª Eliana Cogoy**

---

**Profª Eveline Pasqualin**

**ENCRUZILHADA DO SUL, RS, Brasil**  
**2010**

## DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todos os meus amigos e familiares, que me apoiaram nesta caminhada.

À minha filha, razão primeira de toda a minha inspiração e motivação.

À minha mãe que, além da vida, norteou todos os meus princípios e valores e continuará guiando meus passos por toda a eternidade.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus, esta força superior, que nos move dia-a-dia e nos dá forças para seguir sempre adiante, sem perder a capacidade de contemplar o que de melhor a vida pode oferecer.

Aos professores que nos desafiaram a todo instante para que chegássemos a conclusão deste trabalho.

*Eu não quero explicar o passado,  
nem adivinhar o futuro.  
Eu só quero entender o presente.*

**Jorge Luiz Borges**

## **RESUMO**

Artigo de Especialização  
Curso de Especialização em Educação Especial – Déficit Cognitivo e Educação de Surdos  
Universidade Federal de Santa Maria, RS, Brasil

### **LIBRAS COMO INSTRUMENTO DE INCLUSÃO**

AUTOR: Maria Glaci Pereira da Silva  
ORIENTADOR: Edna Márcia de Souza  
CIDADE, ENCRUZILHADA DO SUL

O objetivo deste artigo é analisar as práticas pedagógicas aplicadas aos alunos surdos e avaliar os benefícios do letramento bilíngue para os mesmos, no processo de aprendizagem e inclusão social. A Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) norteia este trabalho. Procura-se colocar em evidência toda sua contribuição para o letramento e aprendizagem do aluno surdo no caminho de sua inclusão social e verificar o que as escolas estão fazendo para se ajustar a esta realidade. Aderir a este sistema como método mais prudente no ensino desses alunos, requer, obviamente, uma nova conduta do professor, que precisará adequar-se a esta situação. As informações para análise foram obtidas junto a fontes fidedignas de obras de autores especialistas no tema. No aspecto espacial, abrangeu a história antiga e atual dos surdos, tendo como pano de fundo cenários do ensino pedagógico para surdos no Brasil.

**Palavras-chave:** LIBRAS; Aprendizagem; Surdo; Inclusão; Papel do professor.

## **ABSTRACT**

Artigo de Especialização  
Curso de Especialização em Educação Especial – Déficit Cognitivo e Educação de Surdos  
Universidade Federal de Santa Maria, RS, Brasil

### **LIBRAS COMO INSTRUMENTO DE INCLUSÃO**

AUTOR: Maria Glaci Pereira da Silva  
ORIENTADOR: Edna Márcia de Souza  
CIDADE, ENCRUZILHADA DO SUL

O objetivo deste artigo é analisar as práticas pedagógicas aplicadas aos alunos surdos e avaliar os benefícios do letramento bilíngue para os mesmos, no processo de aprendizagem e inclusão social. A Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) norteia este trabalho. Procura-se colocar em evidência toda sua contribuição para o letramento e aprendizagem do aluno surdo no caminho de sua inclusão social e verificar o que as escolas estão fazendo para se ajustar a esta realidade. Aderir a este sistema como método mais prudente no ensino desses alunos, requer, obviamente, uma nova conduta do professor, que precisará adequar-se a esta situação. As informações para análise foram obtidas junto a fontes fidedignas de obras de autores especialistas no tema. No aspecto espacial, abrangeu a história antiga e atual dos surdos, tendo como pano de fundo cenários do ensino pedagógico para surdos no Brasil.

**Palavras-chave:** LIBRAS; Aprendizagem; Surdo; Inclusão; Papel do professor.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>8</b>
<b>1 ABORDAGEM GERAL DO TEMA.....</b>	<b>11</b>
<b>2 LIBRAS COMO INSTRUMENTO DE INCLUSÃO.....</b>	<b>14</b>
<b>2.1 LIBRAS.....</b>	<b>14</b>
<b>2.2 Inclusão .....</b>	<b>15</b>
<b>2.3 O letramento no desenvolvimento o aluno surdo.....</b>	<b>16</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>18</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>19</b>

## INTRODUÇÃO

Neste trabalho procura-se estudar o funcionamento e a importância da aplicação do Sistema de LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais) na alfabetização do aluno surdo-mudo, as principais dificuldades encontradas pelos professores no ensinamento bilíngue.

Segundo Camillo (2010), mesmo as escolas estando abertas ao recebimento de alunos com necessidades especiais, ainda há por parte delas um despreparo no tratamento com o mesmo.

Piaget (1984, p. 62), nos ensina que terá que haver:

...uma formação universitária completa para os mestres de todos os níveis (pois quanto mais jovens são os alunos, maiores dificuldades assumem o ensino, se levado a sério).

Os professores, como não tiveram uma formação específica para tal, e o ensino continua sendo dirigido principalmente ao aluno regular, ou seja, não portador de necessidades especiais, encontra-se num período de desafios. Voltar às salas de aulas, buscar novos conhecimentos, novas práticas pedagógicas que possam contribuir para o seu desenvolvimento. Nesta jornada terá que levar em consideração todas as incógnitas, pois deverá, além, de cumprir seu papel de mestre, considerar as limitações dos seus novos alunos e ao mesmo tempo explorar duas capacidades e habilidades (MARTIN e JESUS, 2010).

Segundo Stumpf (2010), apesar de já estar havendo, por parte das escolas, uma busca de novos métodos para o recebimento desses alunos especiais, como a criação de novas salas de aula, ainda há um longo caminho a ser percorrido, principalmente por parte dos professores, que terão que especializar-se e adaptar seu planejamento escolar à nova situação, sem perder sua eficiência e sua eficácia, trazendo ao aluno surdo mudo a mesma qualidade de aprendizagem aplicada ao outro.

Camillo (2010) disserta que o fracasso escolar, atribuído exclusivamente ao aluno, seja ele padrão ou surdo, tem vários fatores envolvidos tanto social, como econômico. O aluno surdo, porém, será com certeza mais afetado, pois além de todos os problemas, haverá a dificuldade de expressão, influenciando sua auto-estima, seu envolvimento cognitivo e afetivo junto aos outros colegas e também na troca de experiências com os membros da comunidade em que está inserido.

Segundo a mesma autora:

Esse aluno fica à mercê da boa vontade de seus professores na escola regular de aprenderem ou não sua língua (de sinais) ou de freqüentar salas de recursos e instituições no período contrário ao da escola para 'remediar' sua situação escolar, perdendo com isso muito de seu tempo livre para a recreação e a oportunidade de ter uma educação de qualidade (CAM ILLO, 2010).

De acordo com Bortolotti (2010), a Educação Especial surgiu para preencher as lacunas do ensino voltado à inclusão social, requerendo para a prática pedagógica um professor mais preparado, mais aberto, mais criativo, adaptando-se a novas técnicas de aprendizagem, para que o aluno surdo sinta-se capaz de se inserir no convívio social em todos as suas necessidades.

A formação de professores deverá desenvolver-se em ambiente acadêmico e institucional especializado, promovendo-se a investigação dos problemas dessa modalidade de educação, buscando-se oferecer soluções teoricamente fundamentadas e socialmente contextualizadas. Devem ser utilizados métodos e técnicas que contemplem códigos e linguagens apropriados às situações específicas de aprendizagem, incluindo-se, no caso de surdez, a capacitação em língua portuguesa e em língua de sinais (SALLES apud BORTOLOTTI, 2010).

De acordo com Sudré (2010), a LIBRAS teve sua legalização pela Lei n.º 10.436, de 24 de abril de 2002, regulamentada pelo Decreto n.º 5.626, de 22 de dezembro de 2005, e garante que a educação de Surdos deve ser bilíngue. É além de um meio de inclusão social, uma língua visual-espacial.

De acordo com Bortolotti (2010), apesar deste reconhecimento, a LIBRAS, ainda é muito pouco usada pela população, e, portanto desconhecida por ela, sendo

identificada pela maioria da sociedade como sendo uma coleção de mímicas e gestos, do qual se utilizam aqueles desprovidos da fala. O domínio dessa arte por parte do professor é fundamental para que consiga passar ao aluno surdo toda a segurança necessária ao seu aprendizado.

Segundo Quadros (apud CORREIA, 2010):

A escrita exige habilidades específicas que só podem ser desenvolvidas quando se tem o domínio da linguagem. Dessa forma, os surdos precisam dominar língua de sinais, pois é nessa língua que eles aprendem que palavras, frases, sentenças e parágrafos significam algo e que palavras devem ser situadas em um contexto.

## **1 ABORDAGEM GERAL DO TEMA**

De acordo com Camillo (2010) a alfabetização é muito além que uma simples forma de expressão, é acima de tudo uma representação de um sistema de comunicação social. Em se tratando de alunos surdos, o ensinamento desta linguagem torna-se ainda mais complexo. Aprender a língua de sinais requer, principalmente por parte dos professores, mais que o profissionalismo, propõe um envolvimento por parte deste, com o aluno. Entender o contexto em que ele está inserido, procurar saber se seus pais são ouvintes ou não, e a forma como é feita a comunicação com este indivíduo. A capacitação deste mestre é sem dúvida a maior contribuição que a escola pode proporcionar para o atendimento dessa nova classe, para que a aprendizagem atinja o objetivo de inseri-los com segurança no seio da comunidade, apto a conviver social, economicamente frente à frente de trabalho.

Segundo Zanata (2010), todo o trabalho desenvolvido nas escolas vem de encontro a satisfazer as necessidades do aluno dito padrão, normal. Fazer adaptações no currículo, tornar as salas de aula melhores, são algumas das estratégias que devem ser adotadas para este melhor atendimento. Outro fator importante é a formação do professor e o entendimento, por ele, da etimologia da palavra deficiente auditivo, que vem a ser a perda da audição, podendo ela ser corrigida ou amenizada através de mecanismos clínicos, ajudará bastante no desenvolvimento do aluno e do trabalho do professor. Este aluno, por tanto, tem condições de ser inserido ao mundo ouvinte através de técnicas e um sistema de educação receptivo ao problema.

De acordo com Sudré (2010), o bilingüismo é considerado entre os estudiosos do assunto o melhor sistema a ser aplicado na aprendizagem do aluno surdo. O sistema de LIBRAS, é um meio de interação cultural, é a forma pela qual o aluno poderá se comunicar com o mundo, ser entendido e compreendido por ele. Quando esta passa a fazer parte do currículo escolar, o primeiro a sentir este impacto é o professor, o mestre, aquele que tem que ensinar ao pupilo uma nova forma de expressão. Sem preparo adequado, o professor se vê acuado, despreparado, começando aí, um novo desafio.

A LIBRAS não é simplesmente uma conjunção de gestos, é uma língua à parte, composta por níveis linguísticos, como fonologia, morfologia, sintaxe e semântica, os itens lexicais denominam-se sinais. Estes originam-se da combinação de configurações de mão, movimentos e de pontos de articulação. Este é um sistema linguístico e como tal sofre alterações regionais (WIKIPÉDIA, 2011).

Neste sistema há que se ater à representação da informação, em reconstruir o conteúdo visual da informação, pois os surdos lidam com memória visual (WIKIPÉDIA, 2011).

Segundo Grannier in Sudré (2002, p. 49; 2010, p.26):

A questão do ensino bilíngüe é uma opção que respeita a prioridade da primeira língua do aprendiz. Nessa modalidade, o aprendiz se comunica com o(s) professor(es) das diferentes matérias na língua que ele domina (LIBRAS) e o ensino do português-por-escrito assume características de ensino de segunda língua, e mais especificamente, de ensino de língua instrumental, passando a se beneficiar, por conseguinte, dos avanços da Lingüística Aplicada ao ensino de línguas.

Bortolotti (2010), acredita que se houver uma difusão da LIBRAS aos familiares, comunidades escolares e sociedade, os surdos terão maior probabilidade de se auto afirmar, melhorando assim seu comportamento perante uma sociedade de ouvintes. Buscar sua plena cidadania, podendo atuar nos mais diversos setores da sociedade sem perder sua qualidade de vida ou convívio social.

De acordo com Bortolotti (2010), a inclusão social busca não somente inserir o aluno especial auditivo ou não no seu aspecto socio cultural, mas tenta transformar o pensamento da sociedade, tentando fazer com que esta veja o surdo, por exemplo, como um cidadão comum dentro de suas capacidades intelectuais, o respeite como ser humano. Este por sua vez, quando conseguir este reconhecimento, com certeza, se sentirá motivado, preparado para buscar novos objetivos e superar suas fraquezas.

Bueno (1993; apud BORTOLOTTI 2010, p. 5) afirma que:

O que se verifica, então é que o número de crianças incluídas na educação especial, em razão de distúrbios de linguagem, cresceu de forma

impressionante, justamente na época em que as minorias étnicas passaram a exigir oportunidades de ingresso na escola para seus filhos. Como os distúrbios de linguagem originados por deficiência mental, física e auditiva foram classificados nestas respectivas modalidades, pode-se concluir, com razoável segurança, que grande parte da população definida como “portadora de distúrbios da linguagem” devia se referir aos “retardos de desenvolvimento de linguagem” originados pela “carência cultural”. Da mesma forma, a inclusão dos desajustados emocionais e sociais no rol da excepcionalidade responde muito mais a legitimação de uma escola que se pretende democrática mas que, antes de mais nada, tem servido como instrumento da seletividade social.

De acordo com Zanata (2010), nota-se que o aluno já chega na escola com uma forma de expressão já enraizada, adquirida em casa, visto que provavelmente seus pais, e os indivíduos de seu convívio desconhecem a língua de sinais. Isto pode ocorrer também na escola, poderá haver entre aluno-professor uma relação comunicativa. Haverá sempre por parte do professor inúmeras formas de instrumentalização, pois, além de especializar-se em técnicas de ensino, poderá trocar com outros profissionais formas de melhor desenvolver seu trabalho, sem falar nas suas próprias criadas ao longo do tempo.

Palomino y Gonzalez in Zanata (2002, p.167; 2010, p.76):

A melhora da qualidade da educação só é possível se houver um processo permanente de profissionalização pedagógica dos professores. Esse processo de profissionalização qualitativa pode instrumentalizar-se com especial eficácia, se intitucionaliza um sistema de renovação educativa sistemática, ancorada em três pivôs básicos de aperfeiçoamento, a investigação e a análise da prática escolar pelos mesmos professores, com quantas assistências e assessoramentos forem necessários.

## **2 LIBRAS COMO INSTRUMENTO DE INCLUSÃO**

### **2.1 LIBRAS**

Segundo Bortolotti (2010) a LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais, é a primeira língua dos surdos, caracteriza-se por ter uma gramática própria, que deverá ser desenvolvida em sala de aula pelo professor. Deste, por sua vez, será requerido o domínio da nova linguagem, de modo a conseguir tornar o ambiente escolar desafiador, estimulante e criativo, de forma a integrar toda a turma a aprender.

Ainda de acordo com a mesma autora, a LIBRAS entrou oficialmente em vigor através da Lei Federal nº. 10.436, de 24/04/2002, tornando-se obrigatória desde a Educação Infantil, conforme prevê o Decreto Federal nº. 5626/2005.

Segundo Fernandes (1999, apud BORTOLOTTI, 2010, p. 15):

Na área da surdez, é comum nos depararmos com propostas de ensino de língua portuguesa que a separam de seu conteúdo axiológico e vivencial, desconsiderando seu contexto de produção constituído por falantes com experiências cotidianas diferenciadas e reduzindo-a a um sistema abstrato de formas prontas. De maneira geral, elege-se como objeto de trabalho palavras ou enunciados isolados, delimitados por uma progressão fonética preestabelecida, organizada a partir de critérios do nível de complexidade do ponto de vista de sua produção fonoarticulatória e de sua percepção visual pelo surdo, que acaba por treiná-los tendo o espelho como interlocutor. Mesmo quando são eleitos enunciados um pouco mais complexos, do ponto de vista de sua organização sintática, o objetivo não é ainda a língua viva, mas a preocupação em apresentar sua estruturação gramatical, garantindo a fixação da ordem correta das palavras, como se fosse possível prever os caminhos sintáticos a serem percorridos no processo de interação verbal.

Apesar deste reconhecimento, a LIBRAS ainda é muito pouco conhecida pela população, que a reconhece como um amontoado de gestos e mímicas que compensam a ausência da voz. Como este sistema não possui uma escrita própria, utiliza-se a grafia em letras maiúsculas e os verbos se apresentam sempre no infinitivo (WIKIPÉDIA, 2011).

## 2.2 Inclusão

De acordo com Correia (2010), a inclusão social somente será alcançada quando os especiais forem respeitados em todas as suas diferenças, de maneira a ser entendido seu desenvolvimento tanto profissional como pessoal, tendo eles chances iguais de crescimento.

De acordo com Araújo (2010) a inclusão escolar significa mudança de foco, que até então estava centrada no aluno e que deve centrar no professor, na escola e no sistema escolar, buscando caminhos e mecanismos que venham a garantir o acesso, permanência, sucesso e qualidade de ensino para o aluno na classe comum. A escola, portanto, é a principal via de acesso a essa inclusão, pois é a partir dos seus ensinamentos, da forma como o aluno vai receber todo o aparato de informações e técnicas de comportamento perante a esta sociedade que ele vai ou não conseguir se adaptar, buscar sua formação, seu espaço, sua profissão e sua realização pessoal.

Segundo Sudré (2010), para que seja alcançada de fato a inclusão, deverá haver primeiramente uma reestruturação escolar, que permita adaptar esta nova demanda, sem perda de qualidade, eficiência e eficácia tanto por parte do professor como do aluno, na sua capacidade de aprendizagem.

De acordo com Sudré (2010), a inclusão é atualmente um tema muito discutido, muitas teorias já foram formuladas a seu respeito, já é compreendido que todos, independentemente de suas deficiências, sejam elas quais forem, devem ter o mesmo peso, a mesma valia dentro da sociedade. Espera-se neste contexto, que a escola seja o pilar destas transformações. Aposta-se na escola, como o principal instrumento de transformação. Se a escola conseguir se adaptar a esta nova situação, formará indivíduos que saberão lidar fora de seus muros com o diferente, sem preconceitos. Atender esta nova clientela conjuntamente com o aluno padrão, faz com que este, comece a conviver com naturalidade com as diferenças, entender suas dificuldades de maneira humana, tornando-o um adulto responsável.

Percebe-se, segundo Sudré (2010), que as mesmas dificuldades encontradas na escola para aceitação dos surdos é a mesma da sociedade, ou seja,

a falta de informação primeira, a falta de tato, e no caso extremo da sociedade, a falta de como buscar meios de entendimento. Já na escola, os professores buscam especialização, formas e instrumentos que melhor se adaptam ao ensino desses alunos que chegam, já com vícios de expressão, com seu próprio estilo de comunicação. A LIBRAS, sua primeira língua, passa a ser aprendida e uma nova forma de comunicação é apresentada. Há um aprendizado mútuo aluno-professor. Há um enriquecimento de ambas as partes, trazendo consigo um crescimento pessoal.

### **2.3 O letramento no desenvolvimento do aluno surdo**

De acordo com Bortoloti (2010), a forma convencional da prática pedagógica da ação docente, é questionada mediante seu aprimoramento para a recepção do aluno surdo, tendo no professor seu principal alvo. Entende-se que a língua de sinais, devido a sua estrutura e percepção visual seja a melhor forma de ensino-aprendizagem, visto que ele faz conexões com as ilustrações estudadas.

Segundo Camillo (2010), muitos alunos tem dificuldade de identificar palavras corriqueiras, principalmente pouco contato com a língua portuguesa. Terá que haver por parte do professor um maior entendimento e envolvimento com o aluno, e descobrir junto com ele a melhor forma de ensiná-lo, pois, como a LIBRAS não é um sistema difundido, e ele poderá já estar incutido com outros métodos de expressão, seu tempo de aprendizagem poderá ser maior que a média.

Stumpf (2010) aconselha o uso de outros instrumentos que possam contar a língua de sinais, assim como outros artefatos surdos, e também a criação de espaços, lista o DVD com histórias infantis em língua de sinais como uma opção. O que nota-se, porém, é o despreparo das escolas para a aceitação desses alunos, visto que elas foram projetadas para receberem o aluno padrão. Entende-se que esse crescimento, essa busca por instrumentos melhores de ensino se fará gradativamente de acordo com as observações de suas falhas e das necessidades que irão sendo encontradas.

De acordo com Stumpf (2010), há, muitas vezes, por parte dos alunos surdos uma tentativa de inserir-se no grupo, de querer fazer parte daquele mundo que está diante de si, e sua vontade é tanta que acaba simulando uma situação de entendimento da matéria, no medo de ser repudiado, excluído. Cabe ao professor identificar essa encenação e trazer este aluno a realidade. Terá que estimulá-lo, pois quanto mais este aluno realmente entender o que está sendo transmitido, maior a possibilidade de entrosamento com o restante da sala de aula, maior seu grau de igualdade.

Botelho (2005; apud STUMPF, 2010) ensina que,

Muitas vezes é constatada a precariedade do resultado, por não serem os surdos falantes da língua que circula na sala de aula. Alguns insistem na permanência na escola, que se mantém às custas de proteção, acobertamento das dificuldades e outras astúcias.

Segundo Stumpf (2010), as práticas educacionais estão pautadas na língua oral e escrita, ficando o aluno surdo quase que perdido em meio aos ouvintes. Como esse novo conceito em aprendizagem ainda está se construindo e não há uma difusão da linguagem de sinais por parte da população e do meio em que vivem estes alunos, estes chegam à escola totalmente despreparados, esperando da escola todas as técnicas possíveis para se tornarem cidadãos dignos e preparados para o mercado de trabalho e o convívio em sociedade. A escola é vista como o início de toda essa transformação pela qual se anseia. É trabalhando o aluno padrão juntamente com o surdo que eles irão aprendendo em conjunto todas as dificuldades e oportunidades que a nova língua poderá proporcionar.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como a LIBRAS foi reconhecida no Brasil apenas a partir de 2002, o que se constatou através desta revisão bibliográfica é que as principais dificuldades de sua propagação se dá por falta de condições oferecidas pelas escolas a esse tipo de aluno, o despreparo do professor ainda é gritante e não por parte do Ministério da Educação, por exemplo, um programa de difusão desta linguagem.

As práticas pedagógicas existentes nas escolas ainda são direcionadas ao aluno padrão. O aluno surdo quando chega na escola se depara com um ambiente não preparado para atendê-lo. Sua dificuldade é tão grande dentro da escola como fora. A comunicação entre eles, seus colegas e professores tem que ser criada dia-a-dia.

A escola é tida como fonte de transformações, e nesta busca da inclusão social, é por onde esta deva começar. No momento que aceita-se um aluno surdo, tem que se ofertar a ele uma estrutura capaz de dar a ele todo o suporte para sua aprendizagem. A turma passa a ser uma pequena amostra do que é viver no meio de uma sociedade ouvinte. O professor poderá observar todas as dificuldades encontradas pelo novo aluno e seu comportamento frente aos colegas.

O professor passa a ser a mola propulsora deste processo de inclusão. Aprender LIBRAS será o seu desafio. Tornar a LIBRAS a ferramenta essencial para a capacitação deste novo aluno será sua missão. Através da LIBRAS abre-se caminhos para uma nova perspectiva de vida para os surdos.

O aprendizado de uma nova língua, a de LIBRAS, pelo aluno surdo, dá a ele a liberdade de expressão, abre-se um leque para a criação de oportunidades sócio-econômicas, antes a ele negada. Tornar a LIBRAS um sistema comum entre todos os estudantes, talvez seja o início de uma inclusão verdadeiramente abrangente.

## REFERENCIAS

CAMILLO, Eunice R. S. **Observação da linguagem em crianças surdas por meio do relato de histórias**. Disponível em:

<<http://www.google.com/custom?hl=pt-BR&safe=active&client=pub>> Acesso em 25 de março de 2010.

CORREIA, Mariana. **O silêncio das palavras: Leitura e produção textual em Língua Portuguesa**. Disponível em:

<[http://www.senacead.com.br/anais/encontro08/mariana\\_1220878926.pdf](http://www.senacead.com.br/anais/encontro08/mariana_1220878926.pdf)>. Acesso em 25 de março de 2010.

BORTOLOTTI, Rosa Teresinha. **LIBRAS como possibilidade e alternativa para o ensino da língua portuguesa para o aluno surdo**. Disponível em:

<<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1067-4.pdf>> Acesso em 25 de março de 2010.

MARTIN, Maria Helena; JESUS, Saul Neves de. **Práticas educativas para a construção de uma escola inclusiva**. Disponível em:

[www.pedagogobrasil.com.br/educacaoespecial/praticaseducativas.htm](http://www.pedagogobrasil.com.br/educacaoespecial/praticaseducativas.htm). Acessado em 30/07/2010

PIAGET, J.- **Para Onde Vai a Educação?** Tradução de Ivette Braga. 8a Edição. Editora José Olympio. Rio de Janeiro, 1984

STUMPF, Marianne Rossi. **Pedagogia surda no contexto cotidiano da inclusão: espaços, prática e políticas dentro e fora**. Disponível em:

<[www.feneis.org.br/arquivos/PedagogiaSurda\\_Marianne.pdf](http://www.feneis.org.br/arquivos/PedagogiaSurda_Marianne.pdf)> Acesso em 25 de março de 2010.

SUDRÉ, Elaine Candido. **O ensino-aprendizagem de alunos Surdos no Ensino Médio em classe de ensino regular**. Disponível em:

<[http://www.pucsp.br/pos/lael/lael-inf/teses/elaine\\_sudre.pdf](http://www.pucsp.br/pos/lael/lael-inf/teses/elaine_sudre.pdf)> Acesso em 25 de março de 2010.

**SINAIS, Língua Brasileira de**. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/>. Acessado em: 09/01/2011.